

“EVA CONTINUA VENCENDO...”: INTELLECTUAIS EUROPEIAS NO BRASIL EM TEMPOS DE TOTALITARISMOS

“Eve Keeps Winning...”: European Intellectuals in Brazil in Times of Totalitarianisms

Carol COLFFIELD^{1*}

Fecha de recepción: 29 de marzo de 2018

Fecha de aceptación y versión final: 26 de junio de 2018

RESUMO Este artigo busca retratar parte das trajetórias de quatro mulheres profissionais que, nas primeiras décadas do século XX, emigraram para o Brasil escapando dos experimentos totalitários que assolavam o continente europeu. A partir de fragmentos das histórias de vida das psicólogas Bettina Katzenstein, Aniela Meyer-Ginsberg e Helena Antipoff, como também a da jornalista Olga Obry, o estudo busca lançar um olhar não somente sobre os encontros internos ao grupo de exilados no país, mas também examinar suas interações com figuras nacionais que, cientes das contribuições que aportariam, acolheram suas experiências, uniram-nas às dinâmicas locais em curso e, como resultado, novos cenários surgiram e novos impulsos foram alavancados os quais até hoje sobressaem por meio da permanência de ideias e práticas iniciadas naqueles anos. Ao mesmo tempo, os esforços da análise orientam-se a traçar um breve panorama tanto das origens quanto dos obstáculos que as protagonistas foram obrigadas a enfrentar em seus respectivos países, as perdas sofridas, mas também suas conquistas em novo solo.

PALAVRAS-CHAVE: Aniela Meyer-Ginsberg, Bettina Katzenstein, Helena Antipoff, história cultural, intelectuais refugiadas, Olga Obry, totalitarismo.

ABSTRACT: This article seeks to portray part of the trajectories of four professional women who, in the first decades of the twentieth century, emigrated to Brazil escaping the totalitarian experiments that swept across the European continent. From the life stories of psychologists Bettina Katzenstein, Aniela Meyer-Ginsberg and Helena Antipoff as well as of journalist Olga Obry, the study seeks to shed light on the encounters within the group of exiles

¹ Carol COLFFIELD, doutoranda em Estudos Judaicos (FFLCH/Universidade de São Paulo). Pesquisadora do *Arqshoah*-LEER/USP coordenado pela Dr^a. Maria Luiza Tucci Carneiro. Universidade de São Paulo (Brasil). E-mail: ccolffield@usp.br.



in the country and also on their interactions with national characters, who, aware of the contributions brought by the newcomers, welcomed their experiences, blended them to the local dynamics and, as a result, new scenarios emerged and new impulses were leveraged, which stand out, up to this day, through the permanence of ideas and practices started in those years. At the same time, the efforts are geared towards a brief overview of both the origins and the obstacles that the protagonists were forced to face in their respective countries, the losses inflicted upon them, but also their achievements in the new land.

KEYWORDS: Aniela Meyer-Ginsberg, Bettina Katzenstein, cultural history, Helena Antipoff, intellectual refugees, Olga Obry, totalitarianism.

INTRODUÇÃO

O título deste artigo incorpora a referência a uma coluna dedicada a mulheres de relevo nas artes, letras e ciências, publicada nos anos 1950 no jornal *Folha da Manhã* e assinada pela jornalista Shajanan Flora². No dia 3 de fevereiro de 1952, a figura em destaque era a Dra. Bettina Katzenstein, “brasileira alta, olhos muito azuis e cabelos castanhos” (Flora, 1952). Os atributos físicos, porém, não eram o foco da matéria e sim a projeção profissional da Dra. Katzenstein, renomada psicóloga especializada em questões da infância e adolescência, responsável pelo desenvolvimento de diversas instituições de estudo, pesquisa e atendimento no Brasil. Sua presença na imprensa escrita era também constante; por meio de artigos em jornais e revistas que publicou até poucos meses antes de sua morte em 1981, procurava disseminar temas relacionados à sua especialidade e orientar os interessados no assunto.

Além do seu relevante perfil profissional, porém, a história da Dra. Betti – como era conhecida no Brasil – pertence ao universo de toda uma geração que vivenciou um dos períodos mais cataclísmicos da história da humanidade. Como intelectual de origem judaica foi forçada a deixar seu país, a Alemanha, devendo partir rumo a um destino para ela até então desconhecido, o Brasil. A sua história, claro está, não é um caso isolado. Ela faz parte de um contingente de homens e mulheres cujos destinos foram profundamente alterados pelas reviravoltas do momento histórico em que viveram.

Neste estudo, buscaremos retratar fragmentos das trajetórias de quatro profissionais e pensadoras cujos caminhos, embora diferentes quanto ao ponto de origem, congregaram-se em terras brasileiras. Além de Katzenstein, duas dessas

² Shajanan Flora, jornalista, tradutora, atuou entre as décadas de 1940 e 1980 principalmente nos periódicos *Folha da Manhã* e *Folha de São Paulo*.

figuras, a polonesa Aniela Meyer Ginsberg e Olga Brodsky-Obry –natural da Rússia, mas que chegou ao Brasil como apátrida– também tiveram que sair de uma Europa que se dilacerava em meio à barbárie nazista. O outro componente do quarteto, a russa Helena Antipoff, partiu de seu país uma década antes das outras protagonistas –ainda em meados dos anos 1920– deixando para trás outro dos experimentos totalitários do século XX: o soviético.

Embora possa parecer óbvio, é importante esclarecer que, em razão dos limites do formato, este texto não tem como meta exaurir o tema, nem tampouco apresentar um grupo de biografias –usando a expressão em inglês– *from cradle to grave* [do berço ao túmulo]. Na prática, a abordagem constitui somente um ponto de fuga no horizonte a partir do qual são traçadas algumas linhas que convergem em direção ao nosso olhar permitindo, de alguma forma, visualizar parte de um imenso quadro formado por vidas de pessoas compelidas a transplantar repertórios de pensamentos, filosofias e metodologias para realidades completamente alheias, mediadas por códigos linguísticos e culturais distanciados daqueles que originalmente compunham seu repertório intelectual.

Certamente os nomes poderiam ter sido outros, mas a escolha não foi de todo arbitrária já que o grupo aqui apresentado, por suas características e entrelaçamentos, permite não somente reconstituir um pequeno mosaico de [inter]ações e [inter]relações no cenário do exílio, como ao mesmo tempo, explorar parte da cena intelectual brasileira, conhecer alguns personagens que as acolheram e adentrar parte das redes de relacionamentos que formaram. Nesse sentido, a redução da escala constitui uma tentativa de superar a abstração muitas vezes presente nas grandes narrativas e ao mesmo tempo ensaiar uma aproximação ao modo como se davam os processos de decisão dos diferentes atores em face aos elementos que condicionaram os eventos históricos vivenciados. Em outras palavras, o objetivo posiciona-se no sentido do que foi proposto pelo historiador francês René Rémond, ou seja, obter “as direções privilegiadas”, revelar os “pontos de fragilidade ou de comunicação” e, assim, contribuir para, de alguma forma, “iluminar a história intelectual de nosso tempo” (Rémond, 1957).

BETTINA KATZENSTEIN: AS ORIGENS EM HAMBURGO E A OPÇÃO PELO BRASIL

F.1. BETTINA KATZENSTEIN (HAMBURGO, 1906 – SÃO PAULO, 1981)



Acervo: Conselho Regional de Psicologia em SP, www.crpsp.org.br/memoria/betti/album.aspx.
Fotógrafo não identificado.

Quando em 1952 Shajanan Flora escreveu a mencionada coluna dedicada à Dra. Bettina Katzenstein, esta já era, para os brasileiros, a Dra. Betti e, tal como descrito pela jornalista da *Folha da Manhã*, era uma brasileira.³ Sua vida, no entanto, começou em Hamburgo, em 27 de agosto de 1906. Foi também nessa cidade, onde frequentou a escola primária e secundária e, posteriormente, após cursar estudos universitários em filosofia, foi lá também onde enveredou pelos caminhos da Psicologia. Essa disciplina, ainda em desenvolvimento nas primeiras décadas do século XX, recebeu na Alemanha um forte impulso graças a pesquisadores como o Dr. William Stern⁴, um dos mais importantes psicólogos daquele país, com quem, entre 1927 e 1933, Bettina trabalhou no renomado *Instituto de Psicologia de Hamburgo*. Em 1931, quando recebeu o título de doutora, foi promovida a assistente do Prof. Stern.

O trabalho de Katzenstein no Instituto orientava-se aos estudos da infância, da adolescência e à elaboração de métodos diagnósticos de talento e seleção

³ O decreto que aprovou a naturalização de Bettina Katzenstein foi assinado em 19 de junho de 1940. Fonte: Processo de naturalização de Bettina Katzenstein. Arquivo Nacional, RJ. *Arqshoah-LEER/USP*.

⁴ William Louis Stern (Berlim, 1871 – Durham, 1938). Entre outros feitos, o Dr. Stern foi responsável pelo desenvolvimento do conceito de Quociente de Inteligência (QI).

profissional. Temas recorrentes eram a ênfase no desenvolvimento de atividades que garantissem à criança sua própria esfera de experiência e a crítica à psicologia que privilegiava somente o desempenho de habilidades, abordagem esta que os pesquisadores do grupo consideravam inadequada e limitadora pois, segundo eles, voltava-se ao mundo adulto e não ao infantil (Heinemann, 2016).

Os trabalhos pioneiros do *Instituto de Psicologia de Hamburgo*, no entanto, seriam abruptamente interrompidos após 30 de janeiro de 1933 quando Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha. A primeira lei que afetaria diretamente os direitos dos cidadãos de origem judaica, a “Lei para a Restauração do Serviço Profissional Civil”, foi promulgada em 7 de abril do mesmo ano e implicava a imediata supressão dos “inimigos políticos e raciais” de todos os cargos no serviço público, incluindo professores primários, secundários e universitários.

A psicologia, assim como todas as demais disciplinas acadêmicas foi profundamente afetada sob o regime do Terceiro *Reich*, tendo sido submetida a uma completa reorientação no contexto da *Gleichschaltung*⁵. Nesse processo, se por um lado o recurso resultou no fim abrupto de certas linhas de pesquisa, por outro privilegiou o fortalecimento de vias alinhadas com a ideologia nazista (Geuter, 1992). No caso do *Instituto de Psicologia de Hamburgo*, as atividades foram praticamente desmanteladas com a expulsão da grande maioria dos seus profissionais, inclusive o Prof. Stern que, ainda em 1933, se exilou nos Estados Unidos.

Ao contrário de outros acadêmicos e intelectuais que partiram imediatamente para o exílio, a Dra. Katzenstein, após ser obrigada a deixar o Instituto em 1933, permaneceu em Hamburgo enquanto procurava um novo destino. A situação para judeus e inimigos políticos na Alemanha, porém, deteriorava-se dia a dia o que se materializou com sua detenção pela Gestapo em 1935 (Geuter, 1992). Embora o período de encarceramento tenha sido curto, foi o suficiente para demonstrar a urgência em deixar o país. Assim, ainda no fim de 1935, Bettina foi para Zurique onde permaneceu em casa de familiares e, após obter um visto brasileiro, embarcou para São Paulo onde chegou em 22 de fevereiro de 1936⁶. Provavelmente, um dos fatores que mais contribuiu para a opção pelo Brasil foi o fato de que seu irmão, Karl Katzenstein, já vivia no país desde 1934⁷.

⁵ Política de coordenação e uniformização das instituições, culturais, educacionais, jurídicas, partidárias etc., de acordo com os preceitos nazistas.

⁶ Processo de Naturalização de Bettina Katzenstein, Arquivo Nacional, RJ - *Arqshoah-LEER/USP*.

⁷ Segundo a Ficha do Registro de Estrangeiros, Karl Katzenstein chegou ao Brasil em novembro de 1934. Fonte: Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. *Arqshoah-LEER/USP*.

Apenas três meses após a chegada, Bettina dava um início ao que seria a uma longa e frutífera carreira no Brasil que injetou novos impulsos no desenvolvimento do campo da psicologia no país. Seu primeiro engajamento ocorreu já em maio de 1936 quando ingressou como voluntária ao Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo.

ANIELA MEYER-GINSBERG: DE VARSÓVIA A SÃO PAULO

F.2. ANIELA MEYER-GINSBERG (VARSÓVIA, 1902 – SÃO PAULO, 1986)



Acervo: Conselho Regional de Psicologia em SP, <http://www.crpssp.org.br/memoria/social/album.aspx>.
Fotógrafo não identificado.

Ao tempo da chegada de Bettina Katzenstein, São Paulo recebia outro eminente nome da psicologia: a Dra. Aniela Meyer-Ginsberg. A confluência das trajetórias de ambas profissionais se dera ainda na Europa onde Ginsberg também realizou estudos sob orientação do Dr. William Stern no *Instituto de Psicologia de Hamburgo*. No entanto, o ponto de partida no itinerário de Ginsberg foi diferente.

Aniela Meyer –seu nome de solteira– nasceu em 02 de outubro de 1902, em Varsóvia, na Polônia. Embora convertida ao catolicismo desde antes da chegada ao Brasil, provinha de uma afluente família judaica, verdadeira dinastia de banqueiros, financistas e empresários. Filha de Jerzy e Maria [Toeplitz] Meyer, o avô materno de Bettina, Bonawentura Toeplitz (1831-1905), era diretor geral do maior conglomerado siderúrgico da Polônia, o *Lilpop Rau i Loewenstein*. Um dos irmãos de Bonawentura, Henryk Toeplitz –tio-avô de Aniela–, era pro-

prietário de uma importante casa comercial em Varsóvia e em 1870, esteve entre os fundadores do banco *Handlowy*, o mais antigo do país, hoje parte do *Citi-group* (Reychman, 1936). Já um dos irmãos da mãe, Jozef Leopold Toeplitz, presidiu a *Banca Commerciale Italiana* e expandiu a força da instituição ao redor do mundo, estabelecendo importantes laços comerciais e financeiros entre a Itália e a Polônia (Montanari, 1995).

Aniela cursou estudos na Universidade de Varsóvia onde se especializou em psicologia sob orientação de professores como Wladyslaw Witwicki⁸ –um dos pais da matéria na Polônia. Em 1927 obteve o título *Magister Philosophiae*, com a tese “A análise do medo” (Figuras Femininas em Foco, 1954). No ano seguinte, iniciou uma viagem acadêmica que incluiu universidades na França e Alemanha. Foi então quando trabalhou sob orientação de William Stern, no *Instituto de Psicologia de Hamburgo* onde também atuava Bettina Katzenstein. Os caminhos de ambas, porém, ainda se cruzariam muitas vezes ao longo de suas vidas.

Em 1928 Aniela regressou à Polônia e no mesmo ano se casou com Tadeusz Ginsberg⁹, executivo do *Handlobank*.¹⁰ O trabalho de Tadeusz, porém, levou o casal para a Itália, onde permaneceram alguns anos e onde Aniela continuou dedicando-se a seu *métier*. De volta à Polônia, em 1933, recebeu o título de doutora com a tese “O princípio psicológico da contradição” (Figuras Femininas em Foco, 1954) e nos dois anos seguintes trabalhou na Prefeitura de Varsóvia ao tempo que realizou outras viagens de estudo à Inglaterra e aos Estados Unidos.

No início de 1936, porém, os Ginsberg empreenderam uma jornada rumo a um destino que, com o desenrolar dos acontecimentos históricos, iria tornar-se um lar definitivo. A bordo do navio *Oceania*, Aniela e Tadeusz partiram rumo ao Brasil, desembarcando no porto de Santos no dia 28 de fevereiro do mesmo ano.¹¹ Tadeusz Ginsberg chegou com o cargo de diretor do *Banco Francês e Italiano para a América do Sul* – subsidiário da *Banca Commerciale Italiana*; Aniela, dadas suas credenciais, foi prontamente recebida no meio acadêmico. A porta de entrada: o mesmo Laboratório de Psicologia Aplicada vinculado

⁸ Władysław Witwicki (Lubaczów, 1878 – Konstancin, 1948).

⁹ Tadeusz Wladyslaw Ginsberg nasceu na Polônia em 28 de abril de 1896, filho de Marcin e Adela [Gutman] Ginsberg, cf. *Diário Oficial da União* (DOU), 18 de agosto de 1945.

¹⁰ Após uma onda de crises econômica que sacudiram a Polônia após a independência em 1918, o banco *Handlowy* foi resgatado por uma *joint venture* que incluiu a *Banca Commerciale Italiana*, então presidida por Joseph Toeplitz que a partir de então passou a integrar o diretório do *Handlowy* (Landau, Tomaszewski, 1970).

¹¹ Ficha de Estrangeiro de Tadeusz Ginsberg, Delegacia Especializada de Estrangeiros da Secretaria de Segurança Pública do Brasil, Arquivo Nacional, RJ. *Arqshoah*-LEER/USP.

à Universidade de São Paulo onde, no mesmo ano, Bettina Katzenstein também iniciava sua colaboração.

A força aglutinadora que, no âmbito do Laboratório de Psicologia, deu apoio decisivo a essas profissionais recém-chegadas ao Brasil, foi a Dra. Noemy Silveira Rudolfer¹² com quem Ginsberg e Katzenstein desenvolveram inúmeros projetos tanto no campo acadêmico quanto institucional. Cabe destacar, por outro lado, que os anos 1930 representam, no Brasil, um período de efervescência para a psicologia com a implantação de diversas instituições acadêmicas. Em São Paulo, a disciplina consolidava-se no campo do ensino e pesquisa, sendo acolhida inclusive no âmbito de um dos mais ambiciosos experimentos educacionais da época: a *Escola Livre de Sociologia e Política*. O manifesto fundacional dessa instituição, assinado por diversas personalidades do meio intelectual paulista –entre elas Bruno Rudolfer, esposo de Noemy Rudolfer– expressava o propósito da nova casa de estudos como:

[...] centro de cultura político-social apto a inspirar interesse pelo bem coletivo, a estabelecer a ligação do homem com o meio, a incentivar pesquisas sobre as condições de existência e os problemas vitais de nossas populações, a formar personalidades capazes de colaborar, eficaz e conscientemente, na direção da vida social (Creação da Escola Livre de Sociologia, 1933)¹³.

Buscando consolidar esses objetivos, a nova instituição empenhou-se em atrair para seus quadros, reconhecidos profissionais nacionais e estrangeiros. Foi nesse espírito que apenas um ano após a chegada ao Brasil, foi confiada à Dra. Aniela Ginsberg a direção do recém-criado Laboratório de Psicologia Social da *Escola Livre de Sociologia e Política*. No dia 3 de abril de 1937, o *Correio Paulistano* noticiava:

A seção de Psicologia Social da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, regida pela Prof. Noemy Silveira Rudolfer, acaba de ser ampliada com a criação de um laboratório entregue à direção da Prof. Aniela Meyer Ginsberg, doutora em psicologia (Ph.D.) pela Universidade de Varsóvia. Além de realizar pesquisas de psicologia social em nosso meio, esse laboratório poderá, uma vez solicitado o seu concurso, cooperar em todas as investigações sociais que venham a ser promovidas pelas instituições congêneres, universitárias ou públicas (Laboratorio de Psychologia Social, 1937)¹⁴.

¹² Nascida em Santa Rosa do Viterbo em 1902, Noemy Marques da Silveira Rudolfer iniciou, em meados da década de 1920, um trabalho pioneiro na área de psicologia educacional ao lado de outro precursor, Lourenço Filho. Em 1931 coordenou o Serviço de Psicologia Aplicada da Diretoria Geral de Ensino de São Paulo e em 1933, o Serviço de Psicologia Aplicada. Após a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, o Serviço recebeu o nome de Laboratório de Psicologia Aplicada (Moraes, 2012).

¹³ Adaptado às normas ortográficas atuais.

¹⁴ Adaptado às normas ortográficas atuais.

ENCARANDO AS SOMBRAS DA EUROPA

Em março de 1937, a Dra. Bettina Katzenstein era contratada em caráter efetivo pelo Laboratório de Psicologia, onde até então trabalhava como voluntária. Nesse momento, o centro de pesquisa, atendimento e docência passava a fazer parte da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* da Universidade de São Paulo.

Para nossas protagonistas, no entanto, concentrar-se somente em questões profissionais era impossível naqueles tempos conturbados. Na Europa, o cerco fechava-se a passos largos para os que permaneciam no velho continente. Foi então que, em 1938, Aniela Ginsberg decidiu retornar ainda mais uma vez à Polônia de onde pouco depois regressou acompanhada pela mãe de Tadeusz, então viúva, Adela Gutman Ginsberg; ambas desembarcaram em Santos em 16 de março do mesmo ano¹⁵.

Em 01 de setembro 1939, porém, a invasão da Polônia pela Alemanha deixava claro que a Europa começava novamente a trilhar um caminho sem volta rumo a mais uma guerra que em breve envolveria o continente como um todo. Para os Ginsberg, a ocupação de seu país clamava, mesmo à distância, por algum tipo de atitude. Foi então que imediatamente após a ocupação, Aniela e Tadeusz se uniram a um grupo de paulistanos¹⁶ que no dia 29 desse mês instituíram oficialmente o “Comitê de Socorro às Vítimas da Guerra na Polônia” (DOU, 1939). Vinculado à Cruz Vermelha Brasileira, o grupo, que tinha Tadeusz Ginsberg como secretário geral visava:

[...] centralizar os esforços caridosos dos homens de boa vontade de São Paulo e encaminhar por intermédio da Cruz Vermelha Brasileira à Cruz Vermelha Polonesa todos os socorros: em medicamentos, roupas, mantimentos e donativos que puder angariar (Auxílio às Vítimas da Guerra na Polônia, 1939).

Os esforços de Bettina Katzenstein, por sua vez, voltavam-se, junto com os do irmão Karl, a conseguir que a mãe, Teresita Fürst Katzenstein, emigrasse para o Brasil, o que ocorreu em 24 de janeiro de 1939¹⁷. A chegada de Teresita, porém, não significava o fim das preocupações. Bettina, atenta à guerra que a Alemanha nazista travava, de forma acelerada, contra os judeus, engajou-se

¹⁵ Datas registradas nas Fichas de Estrangeiro de Aniela Ginsberg e Adela Gutman Ginsberg emitidas pela Delegacia de Estrangeiros. Arquivo Nacional, RJ. *Arqshoah-LEER/USP*.

¹⁶ Segundo o artigo do Correio Paulistano (Auxílio às Vítimas da Guerra na Polônia, 1939), à frente do Comitê às Vítimas da Guerra na Polônia estavam também o jornalista Plínio Barreto (presidente) e o banqueiro Gastão Vidigal (tesoureiro).

¹⁷ Ficha de Estrangeiro de Teresita Katzenstein emitida pela Delegacia de Estrangeiros da Secretaria de Segurança Pública do Brasil. Arquivo Nacional, RJ. *Arqshoah-LEER/USP*.

ativamente nos esforços de acolhimento aos refugiados no seio da comunidade judaica, fundamentalmente por meio da Congregação Israelita Paulista (CIP), da Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS) e do Lar das Crianças da CIP.

Ao mesmo tempo, sua dedicação ao trabalho social incluía também uma estreita atividade junto à Cruzada Pró-Infância, criada em 1930, dirigida pela Dra. Pérola Byington, onde Katzenstein ministrava cursos de formação e orientação voltados aos cuidados das crianças. Todo esse percurso levou a Dra. Betti a cruzar o caminho de outra pioneira que já atuava no país desde 1929: a psicóloga russa Helena Antipoff.

HELENA ANTIPOFF: FAZENDO ESCOLA NAS MINAS GERAIS

F.3. HELENA ANTIPOFF (GRODNO, 1892 – IBIRITÉ, 1974)



Acervo: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA, www.cdpha.wordpress.com. Fotografia não identificado.

A história desta precursora, ou, nas palavras do poeta Carlos Drummond de Andrade, dessa “russa translúcida de sorriso tímido”, que “enfrenta os poderes burocráticos” (Drummond, 1974) começou em Grodno, Bielorrússia, em 1892, mas floresceu em São Petersburgo, onde viveu até 1909. Nesse ano, após a separação dos pais, Helena mudou-se para Paris com a mãe, Sofia Constantinova

e as irmãs, Zina e Tânia. Foi lá que iniciou os estudos universitários na prestigiosa Sorbonne, centro onde descobriu a vocação para a psicologia (Antipoff, 1996).

Seu interesse na disciplina e particularmente nas possibilidades de aplicação desta à educação conduziram-na ao laboratório de Théodore Simon¹⁸, e por meio deste, ao mestre que sempre estaria presente nos momentos cruciais de sua carreira, o suíço Édouard Claparède, que a convidou para trabalhar no Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, onde iniciou suas atividades em 1914.

Dois anos mais tarde, no entanto, com a Europa em plena guerra, o desespero pela falta de notícias do pai, o coronel Wladimir Antipoff, com quem sempre manteve estreito contato apesar da separação, compeliu Helena a realizar uma arriscada viagem de volta à Rússia. Depois de um périplo por diversas cidades e hospitais, conseguiu finalmente encontrá-lo, gravemente ferido e praticamente irreconhecível (Antipoff, 1996). Graças aos cuidados da filha, após algum tempo, o Coronel Antipoff se recuperou. Helena podia então continuar seu trabalho e para isso escolheu a cidade de sua infância e adolescência, São Petersburgo –que então se chamava Petrogrado¹⁹. Lá iniciou um trabalho com crianças e adolescentes que, em meio ao caos da guerra e da revolução, se encontravam sem abrigo e sem rumo. Encarregou-se de organizar um centro para o atendimento desses grupos que chegavam às dezenas e ali começou a aplicar muitas das técnicas psicológicas de avaliação e triagem que havia estudado com seus mestres.

Em 1917, o jornalista e escritor Viktor Iretsky²⁰ visitou o centro e ficou impressionado com o trabalho de Helena. Dessa visita resultou uma profunda amizade que em pouco tempo se transformou na união da qual, em março de 1919, nasceu Daniel, o único filho. Porém, quando o menino tinha apenas um ano de idade, em meio às “depurações” do novo regime revolucionário, Viktor Iretsky foi levado como prisioneiro político para um destino desconhecido (Antipoff, 1996). Após semanas de buscas, Helena foi informada que somente na *Tcheka*²¹, em Moscou, poderia conseguir alguma informação. Ao chegar, recebeu a notícia de que Viktor estava de fato preso ali. No livro que escreveu sobre a trajetória de sua mãe, Daniel Antipoff relata esse momento:

¹⁸ Théodore Simon (Dijon, 1872-Paris, 1961), responsável, junto com Alfred Binet (Nice, 1857-Paris, 1911) pelo desenvolvimento da escala de avaliação conhecida como Binet-Simon.

¹⁹ A cidade passou a chamar-se Petrogrado em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1924, após a morte de Vladimir Lenin mudou novamente o nome para Leningrado. Somente em 1991 retomou o nome de São Petersburgo.

²⁰ Escritor e crítico literário, Viktor Iretsky era na verdade o pseudônimo de Viktor Iakovlevitch Glikman (Kharkov, 1886 - Berlim, 1936).

²¹ Polícia secreta soviética.

Por intermédio de outros funcionários, chega-lhe aos ouvidos a notícia de que muitos intelectuais de Moscou vão ser autorizados a rever as famílias, antes de serem exilados para a Alemanha.

Vítor Iretzky está entre os nomes dos jornalistas de Petersburgo. Não se explica seu confinamento, entre os presos políticos. As autoridades estão pouco propensas em dar detalhes (Antipoff, 1996: 79).

Cinco meses mais tarde, Iretsky é levado para a Prisão Central de Petrogrado onde pôde receber a visita de Helena e Daniel. No entanto, em fevereiro de 1922, foi deportado para a Alemanha no chamado “navio dos filósofos” junto com centenas de intelectuais russos que, por uma razão ou outra, Lenin havia identificado como inimigos da revolução (Chamberlain, 2006)²².

Somente no final de 1924, Helena, Viktor e Daniel –então com seis anos de idade–, conseguiram reunir-se novamente em Berlim. A demora, além da falta de dinheiro foi em parte resultado da necessidade de uma justificativa “oficial” para que ela obtivesse a permissão de deixar a União Soviética. Esta veio graças a um documento obtido por meio do Prof. Netschaieff²³, com quem Helena havia realizado pesquisas. Nele, “esse cientista alude à necessidade de uma visita a um centro-modelo de recuperação de deficientes físicos, na Alemanha” (Antipoff, 1996: 82). Assim, Helena deixava mais uma vez a Rússia, então para sempre. O momento da partida não poderia ter sido mais oportuno já que nesse mesmo ano, artigos e estudos desenvolvidos por Helena Antipoff começavam a ser vistos com desconfiança pelas autoridades soviéticas, tendo ela recebido inclusive ameaças de denúncias (Antipoff, 1996).

Uma vez em Berlim, no entanto, Helena não conseguiu adaptar-se plenamente à mentalidade germânica. Decidiu então retomar o contato com o Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, que a acolheu imediatamente. Foi lá que o Brasil, e particularmente Minas Gerais, irromperam na sua trajetória.

²² Segundo a pesquisadora Lesley Chamberlain, muitos dos intelectuais deportados naquele momento foram escolhidos pessoalmente pelo próprio Lenin. Entre os nomes, porém, não havia partidários do czar ou contrarrevolucionários. Tratava-se fundamentalmente de liberais ou moderados que também ansiavam por mudanças profundas, mas não por meio dos caminhos pelos quais o novo regime enveredava. Citando o livro de Chamberlain, entre os deportados, estavam “[...] os homens mais reconhecidos e qualificados na Rússia. Eles escreviam os livros e jornais que a maioria moderada ainda estava lendo em 1922. Ensinavam nas universidades, institutos e escolas para onde bolcheviques e cadetes ainda enviavam seus filhos. Destacavam-se nas profissões acadêmicas e jornalísticas que recentemente haviam começado a desfrutar um renascimento, tendo sido liberalizadas e profissionalizadas na última década do czarismo” (Tradução Carol Colfield).

²³ Não foi possível obter dados biográficos sobre o Dr. Netschaieff. Alguns registros fazem referência a um Prof. Netschaiev que teria trabalhado com o Prof. Ivan Pawlow em São Petersburgo (Cannon, 1920: 19). É provável que se trate do Dr. Netschaieff com quem Helena trabalhou na mesma cidade.

No âmbito de um profundo processo de reformas educacionais, o governo mineiro estava concentrado na contratação de uma verdadeira “missão pedagógica” estrangeira cuja finalidade voltava-se principalmente à formação de professores. Em meados dos anos 1920, vários profissionais europeus se encontravam atuando no estado, entre eles, o próprio Théodor Simon, da Universidade de Paris, um dos primeiros mestres de Helena quando ela estudava na França (O Ensino em Minas, 1929).

No âmbito desse intercâmbio de profissionais brasileiros e europeus, Claparède sugeriu o nome de Helena Antipoff. Ela era, sem dúvida, uma das figuras proeminentes do Instituto Jean-Jacques Rousseau, mas além disso, o mestre vislumbrou nesse movimento a possibilidade de solucionar, mesmo que temporariamente, a precária situação jurídica da pesquisadora que, como estrangeira na Suíça depois de ter deixado a Rússia, era detentora somente de um passaporte alemão expirado desde 17 de outubro de 1927, o qual as autoridades alemãs se negavam a renovar. Já a Suíça, apesar dos esforços, não estava disposta a conceder-lhe um passaporte Nansen. (Masolikova, Sorokina, 2017).

Assim, Helena partiu para o Brasil com um contrato previsto de dois anos, deixando o filho Daniel na Europa²⁴. A estadia, porém, acabou estendendo-se por toda a sua vida. Na chegada ao porto de Santos, em agosto de 1929, aguardavam-na no cais Léon Walther²⁵ e os mestres pioneiros paulistas Lourenço Filho²⁶ e Noemy Silveira Rudolfer (Antipoff, 1996: 109) que, nos dias seguintes, lhe apresentaram as diversas instituições dedicadas à sua especialidade em São Paulo. De lá dirigiu-se a Belo Horizonte, onde uma nova vida a esperava. Nas palavras do escritor Otto Lara Resende, assim como Drummond, outro mineiro ilustre: “Belo Horizonte estava destinada a pegar para sempre a ave rara, a ave russa, a ave suíça. Ave, mineira. Ave, Helena. Antipoff virava d. Helena” (Lara Resende, 2017).

²⁴ Daniel Antipoff somente se mudaria para o Brasil em 1938, aos 19 anos, às portas da Segunda Guerra Mundial. O pai, Viktor Iretzky, havia falecido dois anos antes, no exílio, em Berlim. Décadas mais tarde, o escritor Otto Lara Resende relembra o velho amigo: “Como sua mãe, era um emissário de outros mundos. [...] Foi difícil desarumar um pouco a seriedade meio triste, meio nostálgica de Daniel Antipoff. Levei-o para algumas das más companhias que compunham o nosso grupo[...] Louro, hierático, bigodinho, ria sem aviso prévio, continha convulso as bandeiras despregadas, o rosto vermelho. (Lara Resende, 2017).

²⁵ O psicólogo russo Léon Walther (1889-1963), era também assistente de Édouard Claparède em Genebra e havia chegado ao Brasil antes de Helena como parte da equipe que o Instituto Jean-Jacques Rousseau enviou a Minas Gerais.

²⁶ Manoel Bergström Lourenço Filho (Porto Ferreira, 1897-Rio de Janeiro, 1970) estudou medicina, formou-se em direito, mas dedicou sua vida à educação, sendo hoje reconhecido como um dos mais importantes educadores brasileiros. Foi um dos fundadores do movimento *Escola Nova* inspirado nas ideias de Édouard Claparède e John Dewey.

O trabalho na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte era intenso. O envolvimento de Helena, porém, não se limitava à formação dos novos profissionais; dedicou-se também a dar sequência aos trabalhos de montagem do Laboratório de Psicologia que assumiu em setembro de 1929.

INTERESSES COMUNS, DESTINOS QUE SE ENCONTRAM

Dentre as várias iniciativas que Helena Antipoff pôs em prática pouco depois da chegada ao Brasil, uma das mais marcantes foi, sem dúvida, a fundação da Sociedade Pestalozzi dedicada ao amparo das crianças excepcionais. O reconhecimento a esse trabalho mereceu imediata atenção e apoio não somente do governo de Minas Gerais e dos meios de imprensa²⁷, mas também da iniciativa privada. O primeiro resultado concreto do envolvimento da sociedade no apoio ao projeto de Antipoff foi a compra de uma propriedade rural no município de Ibité, Minas Gerais, onde mais tarde seria fundada a Fazenda do Rosário, outro marco da história da educação no Brasil, não somente no âmbito do atendimento a crianças excepcionais, mas também do ensino rural.

Com o decorrer dos anos, a obra de Antipoff se tornou parte intrínseca do cenário educacional brasileiro e, a partir de julho de 1945, ganhou ainda maior impulso com a fundação da sede do Instituto Pestalozzi no Rio de Janeiro. Em agosto do mesmo ano, Helena publicava na imprensa um balanço das atividades e dos resultados obtidos ressaltando que: “[...] bem nova ainda, a nova sede já tem escritas algumas linhas de sua história” (Antipoff, 1945). Naquelas linhas estavam registradas a formação do Círculo de Educação Familiar, os programas de orientação a educadores, o estabelecimento do consultório médico-pedagógico e os trabalhos de organização de uma Ficha de Desenvolvimento Bio-Mental. A implementação e o avanço desta última eram o resultado de mais um cruzamento nos caminhos trilhados por aquelas pioneiras, uma vez que Dona Helena confiou à Dra. Betti Katzenstein a coordenação direta dessa atividade no âmbito da Sociedade Pestalozzi.

Todos esses trabalhos, no entanto, não se limitavam apenas à análise ou recomendações. Os profissionais envolvidos ansiavam pelo pleno desenvolvimento das crianças, daí o interesse nos testes, desenhados de modo a extrair conclusões que auxiliassem concretamente os educadores a atingir novas metas. Em

²⁷ Entre os nomes diretamente envolvidos na iniciativa estava o de Assis Chateaubriand que empreendeu pessoalmente por meio dos *Diários Associados* –conglomerado por ele fundado e dirigido– uma campanha voltada a arrecadar fundos para o Instituto Pestalozzi.

meio aos estudos e aos resultados extraídos, Dona Helena havia percebido já a necessidade de incorporar mais uma ferramenta voltada a enriquecer ainda mais tanto o universo da educação quanto o próprio dia-a-dia das crianças do Instituto Pestalozzi. Essa ferramenta era a arte e, em meio à busca, outra figura do exílio iria unir-se ao percurso.

OLGA OBRY: JORNALISMO E ARTE DE PARIS À FAZENDA DO ROSÁRIO

F.4. OLGA OBRY (KIEV, 1899-PARIS, C. 1990)



Acervo: Arquivo Nacional, RJ. *Argshoah*-LEER/USP. Fotografia não identificado.

Em 1941, chegava ao Rio de Janeiro a jornalista e artista plástica Olga Brodsky. Proveniente da França para onde escapara em 1933 das perseguições da Alemanha nazista, Olga Obry, como optou por chamar-se no Brasil, seria reconhecida anos mais tarde no seio da Sociedade Pestalozzi como protagonista na concretização das ideias de integrar a arte à educação.

Olga nasceu em 19 de agosto de 1899, em Kiev, no seio de uma família judaica de industriais e filantropos. A Revolução Russa, porém, provocou a primeira ruptura na vida da família que foi obrigada a emigrar para a Alemanha. A segunda ruptura viria poucas décadas mais tarde, com chegada de Hitler ao poder. Ao longo da vida, Olga foi uma mulher muito dinâmica e à frente de seu tempo. Na Alemanha, ainda muito jovem, ganhava a vida nas artes gráficas, tra-

balhando como secretária, ou ainda modelando as roupas de tricô que a mãe fabricava.

Em parte, devido à personalidade da jovem, a família teve que aceitar – não sem preocupação – quando ela decidiu viver com quem seria seu eterno companheiro, o médico, economista e escritor Richard Lewinsohn²⁸. naquele momento impedido de formalizar uma nova relação por já estar casado com outra mulher, então seriamente doente e internada em uma instituição psiquiátrica (Brodsky, 1997: 196). Em 1933, com a ascensão do nazismo, Olga e Richard exilaram-se em Paris. Com o início da guerra em 1939, ele foi levado para vários campos de concentração na França, onde esteve como prisioneiro por meses. Quando foi libertado, ambos conseguiram um visto diplomático emitido pelo Embaixador Souza Dantas e embarcaram para o Rio de Janeiro, onde chegaram em 14 de fevereiro de 1941.

O talento de Obry, sua facilidade de adaptação a novas situações e sua vasta cultura, valeram-lhe uma rápida inserção na imprensa brasileira. Já em 22 de junho de 1941, a revista *Vamos Ler!* anunciava no jornal *A Noite*, a “contratação de uma profissional brilhante, a jornalista Olga Obry, da imprensa francesa e belga, ora entre nós” (Olga Obry em *Vamos Ler*, 1941). Seu trabalho como jornalista é, sem temor a exageros, notável, dada a variedade e a profundidade dos temas que abordava. Ainda em julho de 1941, quando foi publicada sua primeira contribuição orientada à moda e beleza na revista *Vamos Ler!*, escrevia em outro periódico, *O Jornal*, o primeiro de uma extensa série de artigos dedicados às artes: em 13 de julho o tema era dança clássica e a figura do empresário de balé Serge Dhiagilev; em 27 de julho, o foco era o teatro; em 17 de agosto, o canto; em 16 de novembro, a arte rupestre das grutas de Lascaux; e assim por diante. Como era próprio da produção de Olga, os textos, quase invariavelmente, eram acompanhados de desenhos, também criados por ela (F.5).

²⁸ Após concluir seus estudos em medicina e economia na Alemanha, Richard Lewinsohn (Graudenz, 1894-Madri, 1968) dedicou-se a esta última, tornando-se um proeminente nome em matéria econômica. Durante o exílio no Brasil, atuou em instituições governamentais e publicou na imprensa brasileira inúmeros artigos de interesse, tendo sido inclusive o fundador e editor-chefe da revista *Conjuntura Econômica*, até hoje importante referência.

F.5. PRIMEIRO ARTIGO DE OLGA OBRY EM *O JORNAL*, RIO DE JANEIRO, 13 DE JULHO DE 1941



Acervo: Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital, http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/7329.

Em 1945, Olga Obry escreveu seu primeiro livro, *Catarina do Brasil*, que foi posteriormente traduzido a várias línguas. O ineditismo dos documentos que utilizou na pesquisa foi destacado por Pedro Calmon que escreveu no prefácio à obra: “[o] que parecia fantástico –a visita de Caramurú e de Paraguassú à França de Montaigne e Rabelais – já hoje não pomos em dúvida...” (Calmon, 1945). Já o sociólogo e antropólogo Roger Bastide, em *O Jornal* do Rio de Janeiro apontava:

[A] sra. Obry evocou muito bem a atmosfera de afeição que Paraguassú encontrou em França, especialmente da parte do casal Cartier [“fundador” do Canadá] e a demonstrada pelas boas irmãs –Clarissas. Finalmente, a autora se utiliza das primeiras crônicas sobre o início do Brasil, o Brasil das capitânias, para evocar, com muita felicidade, os primeiros tempos da Bahia colônia.

[A] reconstituição é dupla: uma reconstituição pitoresca e dramática do meio, uma reconstituição psicológica das almas de seus protagonistas e do que os antropólogos chamam de transculturação, isto é, de um lado a indigenização do branco e do outro a europeização, a cristianização do índio (Bastide, 1945).

O impacto da trajetória profissional de Olga Obry, porém, iria além, adquirindo força no trabalho pioneiro que passou a desenvolver após um primeiro

e memorável encontro com Helena Antipoff sobre o qual, anos mais tarde, a própria Olga escrevia:

Encontrei Dona Helena pela primeira vez em 1945, acho que foi no mês de setembro, por ocasião de uma entrevista para [a revista] “A Casa” [...]. A fundadora da recém-criada Sociedade Pestalozzi do Brasil atendeu-me na sua sede então no Leme, frente ao morro de um lado, ao forte do outro, ao mar em toda a largura do seu areal com salas de aula, de reunião, oficinas, teatrinho, escritório, instalados em modernas construções de tábuas toscas, bem arrumadas, em ordem perfeita. Tinha já muito ouvido falar nas atividades educacionais de Dona Helena Antipoff, mas, nem imaginava iniciar-se, com aquele artigo intitulado “Uma Visita à Sociedade Pestalozzi do Brasil”, uma nova fase da minha vida, a que hoje, passados quatro decênios, me parece a mais importante, feliz, cheia de significação das minhas muitas vidas: a época do teatro de figuras [...] (Obry, s/d).

Esta antiga arte que inspirou Goethe e pela qual incursionaram diversos artistas e intelectuais ao longo da história como Voltaire, Haydn, Garcia Lorca e Manuel de Falla, entre outros, começou a ser utilizada como ferramenta pedagógica no Brasil graças à iniciativa da Sociedade Pestalozzi e ao seríssimo trabalho desenvolvido nesse âmbito por Olga Obry que, a convite de Dona Helena, assumiu no Instituto não somente a organização das atividades relacionadas ao teatro de figuras, mas também a direção de um curso de formação de artistas títeres, que, segundo o produtor cultural e estudioso da arte Humberto Braga, foi “[...] o primeiro de que [no país] se tem notícia” (Braga, 2007: 249).

Nessa nova fase, Olga mergulhou profundamente tanto no aspecto artístico da prática –fabricando e manipulando os bonecos– como também no lado pedagógico do teatro cuja importância ressaltou no livro que, anos mais tarde, escreveu e ilustrou, *O Teatro na Escola*. Ali registrava: “A tendência de teatralizar é inata na criança. Seu brincar é, em si mesmo, uma atividade dramática” (Obry, 1956: 31). Quando cresce, no entanto, “a criança toma a consciência de ‘fazer teatro’ e aparece o perigo do artificialismo e do exibicionismo”. Nesse sentido, “[o] «teatro de figuras», incluindo marionetes, fantoches, sombras, máscaras, ajuda a evitá-lo, excluindo praticamente o elemento da vaidade pessoal e favorecendo a transfiguração” (Obry, 1956: 31).

Mas Olga Obry queria mais e, em 1947, engajou-se no movimento em prol da criação da “Escola Nacional de Teatro”, do qual participaram diversos artistas e intelectuais brasileiros e estrangeiros exilados. Em julho do mesmo ano, foi palestrante na “Concentração do Teatro do Estudante”, importante evento na história das artes cênicas brasileiras e, ainda em ‘47, ajudou a fundar a Sociedade Brasileira de Marionetistas, da qual foi presidente. A intensidade do compromisso de Olga Obry com o teatro de bonecos lhe valeu no ano seguinte, 1948, um convite da Prefeitura de Recife, para, junto com outros artistas da So-

cidade Pestalozzi e da Sociedade Brasileira de Marionetistas, ministrar um curso de formação e aperfeiçoamento de bonequeiros que teve um forte impacto no desenvolvimento posterior dessa tradição no nordeste brasileiro. O efeito foi de mão dupla: Olga, ficou “encantada com o ambiente artístico e teatral do Recife” (Curso do Teatro de Figuras, no Recife. Impressões de Olga Obry, 1948).

A veia jornalística de Olga, que então havia acrescentado aos seus temas a crítica teatral por meio de artigos que publicava regularmente na revista *Argumentos*, deixou de pulsar por um breve período quando, em 1949, Helena Antipoff, em nome da Secretaria de Educação de Minas Gerais, convidou-a a instalar-se na Fazenda do Rosário e lá organizar atividades dramáticas. Olga aceitou imediatamente. Assim, a semente plantada por ambas pioneiras no âmbito da arte de bonecos espalhou-se por todo o país e reverberou por décadas. Trinta anos mais tarde, em meados dos anos 1970, a pesquisadora do folclore brasileiro Laura della Monica, afirmava:

Se um dia alguém quiser escrever a história do teatro de bonecos no Brasil, como aproveitamento didático de arte e cultura, será obrigado a citar a Sociedade Pestalozzi do Brasil e lembrar-se dos nomes de Helena Antipoff, Olga Obry, Cecília Meirelles, Pascoal Carlos Magno e tantos outros. [...]. Todos a divulgar o folclore nacional, procurando contribuir para a formação da personalidade de Criança, usando o teatro como recreação, arte terapêutica, didática e cultural (Della Monica, 1974).

O ano de 1952 marcou para Olga Obry o retorno definitivo para a Europa. No entanto, ela continuaria presente em seu país de adoção não só “espiritualmente” por meio do legado que deixou junto aos profissionais que passaram por suas aulas e oficinas, mas também ativamente, como correspondente em Paris de vários periódicos brasileiros.

NAS TRILHAS PRECURSORAS DA INCLUSÃO

No Brasil, Helena Antipoff, Bettina Katzenstein e Aniela Ginsberg prosseguiram à frente de trabalhos pioneiros; seus nomes estavam já incorporados ao patrimônio nacional. Porém, enquanto Helena e Betti aprimoravam métodos e técnicas voltados aos cuidados da infância e da adolescência, Aniela Ginsberg, orientava o foco para um novo interesse: a questão étnico-racial. A Bahia, onde viveu e lecionou na Faculdade de Medicina por alguns anos, foi cenário primordial desses estudos. Ali escreveu, em 1947, um dos primeiros artigos a respeito, cujo título desnuda parte das raízes da questão do preconceito: “Escolha do companheiro de carteira” (Ginsberg, 1947).

A barbárie nazista acabava de revelar ao mundo a necessidade imperiosa de enfrentar um tema cujas sombras, após a experiência do Holocausto, ficariam para sempre pairando sobre a humanidade: o racismo. Diversas iniciativas voltadas à pesquisa, estudo e desenvolvimento de políticas sobre o tema surgiam naquele momento ao redor do mundo. Elas tinham o intuito de entender, mitigar ou tentar impedir uma nova aproximação daquelas sombras. No Brasil não foi diferente. Pesquisadores orientaram-se a analisar essas questões, sendo vários desses estudos patrocinados pela UNESCO.

Foi nesse contexto onde, fazendo uso das técnicas psicológicas desenvolvidas ao longo da carreira, Aniela Ginsberg mergulhou, junto com outros sociólogos e psicólogos brasileiros como Virgínia Bicudo²⁹ e Oracy Nogueira³⁰, na análise do preconceito e da discriminação racial no país. Como explica o sociólogo e pesquisador Marcos Chor Maio:

A agenda de pesquisa que se entrevê nos estudos de Ginsberg se desdobra em dois conjuntos de problemas: 1) a existência ou não de características raciais inatas, como a capacidade mental; 2) a natureza das relações raciais no contexto brasileiro a partir do estudo de preferência e rejeição entre os indivíduos com base na cor (Chor Maio, 2015).

Por meio dos documentos disponíveis, não é possível determinar até que ponto a própria experiência pessoal e familiar³¹, conduziu Aniela Ginsberg a enveredar por esses estudos. No entanto, como polonesa de origem judaica, mesmo que um oceano a separasse da violência daqueles anos de barbárie na Europa, esses podem de fato ter sido os elementos condutores do interesse nas questões que colocou a si mesma e que desenvolveu nas décadas seguintes.

²⁹ Virgínia Bicudo (São Paulo, 1910-2003) foi uma socióloga e psicanalista pioneira no estudo de questões raciais no país.

³⁰ Oracy Nogueira foi um dos pioneiros da institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, teórico das questões raciais e autor do seminal trabalho: Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem. Sugestão de um quadro de referência para interpretação do material sobre relações raciais no Brasil, *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n. 1, novembro 2006.

³¹ Registros confirmam que membros da família Toeplitz foram levados ao Gueto de Varsóvia. Um dos tios de Aniela, Henryk Toeplitz, nascido em 8 de junho de 1872, foi morto sumariamente dentro do gueto, em 1941. Testemunho anônimo de um sobrevivente relata esse assassinato: “[Execuções de improviso] tornaram-se a regra. No início do outono de 1941, um pequeno carro aparecia, vindo do *Boulevard Szuch*, a cada poucos dias, parando por um momento no lado par da Rua Orla. Sempre que o carro partia, deixava para trás o cadáver de algum judeu, homem ou mulher, capturado no lado ariano. [...] Entre os executados dessa maneira estava Henryk Toeplitz, o septuagenário presidente da empresa Jerzy Majer. Sua família era bem conhecida em Varsóvia; ele era filho de Bonawentura Toeplitz, irmão de Theodore Toeplitz, o ex-magistrado, e de Jozef e Leon Toeplitz, presidente e diretor da Banca Italiana”. (Grynberg, 2003, Tradução Carol Colffield). No arquivo do Memorial Yad Vashem, Israel, encontra-se o documento referente à morte de Henryk Toeplitz, <http://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=901148&ind=42>.

Mas se os estudos relacionados aos temas étnicos sentavam as bases para políticas e atitudes voltadas a minimizar os efeitos do racismo como verdadeiro flagelo da humanidade, ao mesmo tempo surgiam movimentos orientados aos cuidados com outras diferenças, as quais impactavam definitivamente a abordagem de indivíduos com necessidades especiais e amplificavam o escopo de trabalhos até então feitos por instituições como a Sociedade Pestalozzi.

Nesse contexto, surgia na década de 1950, no Brasil, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, a APAE, sigla que até hoje é símbolo de excelência na matéria. O apoio da Sociedade Pestalozzi aos primeiros passos da APAE foi fundamental, já que, além da experiência no tema, em março de 1955, colocou à disposição da recentemente fundada associação, um espaço no Rio de Janeiro para o início das atividades de uma oficina pedagógica para crianças excepcionais (FENAPAE, 1997). O projeto se expandiu rapidamente pelo país e em novembro de 1962 teve lugar a Primeira Reunião Nacional das APAEs, com participação de diversos expoentes da psiquiatria e psicologia no Brasil. A Dra. Bettina Katzenstein não poderia estar ausente nessa iniciativa vindo a tornar-se uma das principais figuras do núcleo fundador da instituição em São Paulo (FENAPAE, 1963).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As realizações das protagonistas aqui destacadas, tal como foi mencionado na introdução, obviamente não se esgotam nestas poucas páginas. Tampouco se limita aos seus nomes o interesse quanto à trajetória de personagens que, como tantas –a grande maioria anônimos– enfrentaram a brutalidade dos tempos que viveram: guerras, perseguições, exílios. Eram tempos de escolhas labirínticas que, usando a metáfora de Jorge Luis Borges, se apresentavam como um “jardim de veredas que se bifurcam” (Borges, 1941). Algumas dessas veredas não tinham saída, constituíam verdadeiros *impasses*, como tão bem define o termo que a elas se refere em francês; outras eram truncadas pelos traumas e as infinitas perdas; outras, ainda, não conduziam a lugar algum.

As figuras cujos fragmentos de itinerários e encontros foram aqui apresentados, constituem uma pequeníssima parte da lista daqueles que, de uma forma ou outra, conseguiram escapar à barbárie e continuaram desenvolvendo carreiras e vidas em outros solos ao redor do mundo. Esperamos, nesse sentido, que a inevitável injustiça intrínseca a toda escolha não ofusque o propósito central deste trabalho que é o de manter vivos não somente nomes e datas, mas sim ori-

gens, batalhas e conquistas das protagonistas aqui tratadas, e também daqueles que, sensibilizados pelos apelos das circunstâncias, acolheram com entusiasmo o talento, a dedicação e a humanidade dos recém-chegados, recebendo em troca, ao longo dos anos, o reconhecimento por tudo o que lhes foi oferecido.

Essa troca, porém, nunca cessa. No Brasil, os nomes de Katzenstein³², Antipoff³³ e Ginsberg³⁴, estão há décadas marcados de forma indelével nas instituições que levam seus nomes. O de Obry, ainda ecoa no legado das gerações que, a partir de seus ensinamentos, continuam regando as sementes que ela plantou. E se a contribuição pelo trabalho merece ser amplamente reconhecida, seus exemplos de vida devem ser igualmente valorizados. Nesse sentido, talvez nada sintetize melhor a postura de todas elas do que as palavras de Olga Obry: “[A] vida, como a guerra, “não se vence na defensiva”” (Obry, 1948).

REFERÊNCIAS

- Antipoff, D. (1996). *Helena Antipoff: Sua Vida, Sua Obra*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Antipoff, H. (1945, agosto 19). A Sociedade Pestalozzi do Brasil e suas finalidades. *O Jornal*, 1. Biblioteca Digital. Hemeroteca Digital: http://memoria.bn.br/docreader/110523_04/28890.
- Auxílio às Victimas da Guerra na Polônia (1939, novembro 28). Auxílio às Victimas da Guerra na Polônia. *Correio Paulistano*, 3. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital: http://memoria.bn.br/docreader/090972_08/31831.
- Bastide, R. (1945, agosto, 25). A Índia que descobriu a França. *O Jornal*, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/28977.
- Borges, J.L. (1941). *El Jardín de Senderos que se Bifurcan. Ficciones*. New York: Penguin Random House (DeBolsillo) [Versão eletrônica Kindle: www.amazon.com.br].
- Braga, H. (2007). Aspectos da história recente do teatro de animação no Brasil. *Móin-Móin. Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*, 3, (4), 249, http://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/2645/revista_moin_moin_4_1500228182049_2645.pdf.
- Brodsky, A.F. (1997). *Smoke Signals. From Eminence to Exile*. London: Radcliff Press.

³² Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Dra. Betti Katzenstein” (CPPA), UNESP Assis, Faculdade de Ciências e Letras. Fundado em 1973 funciona como um Serviço-Escola vinculado ao Curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, <http://www.assis.unesp.br/~#!/cppa---centro-de-pesquisa-e-psicologia-aplicada/historico/>.

³³ Fundação Helena Antipoff (FHA), Fazenda do Rosário, Ibitiré, Minas Gerais. Sua origem remete ao ano 1955 com a criação do Instituto de Educação Rural (ISER) idealizado por Helena Antipoff. Em 1970 o ISER converteu-se em Fundação Estadual de Educação Rural (FEER) e ao assumir o nome atual em 1978 incorporou diversas outras instituições dedicadas ao ensino e à pesquisa. Desde 2013 passou a ser administrada pela Universidade do Estado de Minas Gerais, <http://www.fha.mg.gov.br/institucional/a-fha.html>.

³⁴ Fundação Aniela e Tadeuz Ginsberg (FATG), São Paulo. A instituição, criada em 1988, concede bolsas a estudantes de graduação em psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, <https://fundacaoaniela.wordpress.com/>.

- Calmon, P. (1945). Prefácio ao livro de O. Obry, *Catarina do Brasil*. Rio de Janeiro: Atlântida.
- Canon, W.B. (1920). *Bodily Changes in Pain, Hunger, Fear and Rage*. New York: D. Appleton, <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/1/13/bodilychangesinp00cannuoft/bodilychangesinp00cannuoft.pdf>.
- Chamberlain, L. (2006). *Lenin's Private War: The Voyage of the Philosophy Steamer and the Exile of the Intelligentsia*. New York: St. Martin's Press [Versão eletrônica Kindle, www.amazon.com.br].
- Chor Maio, M. (2015). Medindo o preconceito racial no Brasil: Aniela Ginsberg e o estudo das atitudes raciais, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 18 (4), 728-742, 731.
- Curso do Teatro de Figuras, no Recife. Impressões de Olga Obry (1948, novembro 24). *Correio da Manhã*, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital, 13, http://memoria.bn.br/docreader/089842_05/44483.
- Criação da Escola Livre de Sociologia e Política de S. Paulo. Um manifesto dos fundadores positivando os objetivos desse Instituto de altos estudos (1933, abril 16). *Folha da Manhã*, Acervo Folha: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=27644&anchor=46-48948&pd=b8b1d65428faef66da643dc9efb43547>.
- Della Monica, L. (1974, dezembro 5). Mamulengo, João Minhoca, *Folha da Tarde, Arquivo Temático*, f. 12823: <http://docvirt.com/docreader.net/Tematico/40850>.
- DOU (1939, setembro 30). Deferimento. *Diário Oficial da União*, 12, Seção 2: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2519587/pg-12-secao-2-diario-oficial-da-uniao-dou-de-30-09-1939/pdfView>.
- Drummond de Andrade, C. (1974, agosto 9). A Casa de Helena. Federação Nacional das Associações Pestalozzi: <http://www.fenapestalozzi.org.br/ler/poema-de-carlos-drummond-de-andrade-em-homenagem-a-helena-antipoff>.
- O Ensino em Minas (1929, março 16). O Ensino em Minas. *Jornal do Commercio*, 2. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital: http://memoria.bn.br/docreader/364568_11/33499.
- FENAPAE (1963). Mensagem da Apae. *Federação Nacional das APAEs*, I, (1).
- FENAPAE (1997). Um Pouco da História do Movimento das APAEs. *Manual Pais e Dirigentes: Uma Parceria Eficiente*, Brasília, http://apaebrazil.org.br/arquivo.php?arq_id=12468.
- Figuras Femininas em Foco (1954, abril 4). Figuras Femininas em Foco. *Folha da Manhã*. Acervo Folha: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=29809&anchor=457-1839&pd=8ccf62f9a7a2953c86737fc0f36829ba>.
- Flora, S. (1952, fevereiro 3). Eva Continua Vencendo. *Folha da Manhã*. Acervo Folha: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=29137&anchor=4554704&pd=fa6f80fc1a6b0cd51b30e6c44a61eafa>.
- Geuter, U. (1992). *The Professionalization of Psychology in Nazi Germany*. New York: Cambridge.
- Ginsberg, A. (1947). Escolha do companheiro de carteira. Resultado de um inquérito entre escolares baianos. *Psyke: Revista didática e científica de Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*, Rio de Janeiro, I (3), 3-17, 1947. Apud. M. Chor Maio (2015). Medindo o preconceito racial no Brasil: Aniela Ginsberg e o estudo das atitudes raciais, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 18 (4), 728-742, 731.
- Grynberg, M. (2003). *Words to Outlive Us. Eyewitness accounts from the Warsaw Ghetto*. New York: Metropolitan Books [Versão eletrônica Kindle: www.amazon.com.br].

- Heinemann, R. (2016). *Das Kind als Person: William Stern als Wegbereiter der Kinder- und Jugendforschung 1900 bis 1933*. Bad Heilbrunn: Julius Klinhardt.
- Laboratorio de Psychologia Social (1937, abril 3). *Correio Paulistano*. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital: http://memoria.bn.br/docreader/090972_08/17607.
- Landau Z., Tomazewski, J. (1970). Warsaw Bank Handlowy w Warszawie (Handlobank). *Archivio Storico Intesa Sanpaolo*: <https://internationalhistory.intesasanpaolo.com/world-map/sede/IT-ISP-MAPPAESTERA-0000207>.
- Lara Resende, O. (2017). *O Príncipe e o Sabiá: e outros perfis*. São Paulo: Companhia das Letras [Versão eletrônica Kindle, www.amazon.com.br].
- Masolikova, N., Sorokina, M. (2017) The Russian Apostle of Brazil: Psychologist Yelena Antipova. *Vestnik*, (31), <http://www.russiangrave.ru/assets/files/masolikova-sorokina.pdf>.
- Montanari, G. (1995). Introduzione all'inventario Segreteria dell'Amministratore Delegato Giuseppe Toeplitz (1916-1934), *Banca Commerciale Italiana*, I-LIV, http://media.regesta.com/dm_0/INTESA/intesasanpaolo/newIntesaSt002/allegati/IT/ISP/AS00002/0000124/IT.ISP.AS00002.0000124.0002.
- Moraes, J.D. (2012). Noemy Rudolfer e a organização da escola e do mundo do trabalho dos anos 1920 e 1930. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 38, (2), 485-497, <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n2/a14v38n2.pdf>.
- Obry, O. (1948, outubro 20). Entre Nós. *O Jornal*. Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. http://memoria.bn.br/docreader/110523_04/45876.
- Obry, O. (1956) *O Teatro na Escola*. São Paulo: Melhoramentos.
- Obry, O. (s/d) *Paris para a Fazenda do Rosário*. Texto datilografado, original, Comunicação apresentada no Encontro Helena Antipoff, 1994. Arquivo do Memorial Helena Antipoff-CDPHA-FHA. Pastas Artigos sobre Arte-educação. Apud. Almeida, M.O. (2013). O Ensino de Arte em Minas Gerais (1940-1960): diálogos e colaborações entre a arte e a educação nova. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS9FCF2V>
- Olga Obry em Vamos Ler! (1941, junho 22). *A Noite*, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital, http://memoria.bn.br/docreader/348970_04/9458.
- Rémond, R (1957). Plaidoyer pour une histoire délaissée. La fin de la IIIe République, *RFSP*, VII, (2), 253-270. Apud. J.F. Sirinelli (1988). *Génération Intellectuelle: Khâgneux et Normaliens dans l'entre deux-guerres*. Paris: Quadriges/PUF.
- Reychman, K (1936). *Szkice Genealogiczne. Serja I*. Warszawa: F. Hoesick. Warsaw University Digital Library, 187-192, <http://ebuw.uw.edu.pl/dlibra/doccontent?id=654>.